

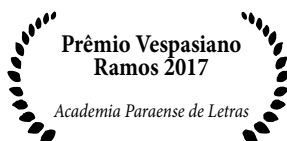
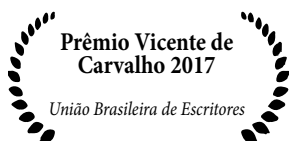
Crisântemos Depois da Ausência



P O E S I A
BRASILEIRA

Crisântemos Depois da Ausência

Airton Souza



giostri

Título Original

Crisântemos depois da ausência

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S729c Souza, Airton

Crisântemos depois da ausência / Airton Souza. -
São Paulo : Giostri Editora, 2017.
102 p. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-85-516-0209-6

1. Literatura brasileira. 2. Poema. I. Título.

2017-858

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Editor Responsável Alex Giostri

Editor Assistente Fábio Costa

Capa André Ximene

Fechamento de capa e Diagramação Vitor Lugoboni Faria

Revisão final de texto Giostri Editora Ltda.



Souza, Airton
Crisântemos depois da ausência

1ª Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2017

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Poema 869.1

2. Literatura brasileira : Poema 821.134.3(81)-1

1º título: Crisântemos depois da ausência

1ª Edição
Giostri Editora LTDA.

Giostri Editora

Rua Dona Avelina, 145
Vila Mariana - SP

Tel.: (11) 2537-2764
São Paulo • SP • CEP: 04111-010

contato@giostrieditora.com.br

giostrieditora.com.br

/giostrieditora

GiostriTV

@giostrieditora

giostrieditora.blogspot.com.br



*para Maria Barbosa, minha mãe e,
Raimundo Gonçalves, meu pai,
que morreram antes do inverno e não deixaram
as lições de como desamar a ausência.
para Leonice Souza, que aprendeu como alimentar
meus dias.*



Sumário

algumas pétalas.....14

flores de todos os tempos.....23

jardim de outrora.....35

escombros crispados.....46

cume comovido.....65

último jardim desflorado.....84



A saudade nos pares de chinelos sob a cama

“Nada é tão nosso quanto os nossos sonhos.”

NIETZSCHE

Dia chuvoso. Cair da tarde fria. Inverno rigoroso. Vagarosamente a noite amazônica se desdobra em uma estimação de choro e solidão. Lá fora, o tempo se aquieta tranquilo. Debaixo de uma árvore um vira-lata se contorce de frio. Na revelação das águas os faróis dos carros desaparecem rua acima. Parecem pirilampos em meio a densa névoa. E a escuridão vai construindo seus densos fios de uma luminosidade crepuscular. Hora boa para ficar no aconchego de casa. Lendo um bom livro.

Virgínia Woof nos diz que “cada um tem o seu passado fechado em si, tal como um livro que se conhece de cor, livro de que os amigos apenas levam o título.” Com o corpo encurvado sobre a mesa de trabalho, olhando a chuva intermitente a tremular do lado de fora da casa, açoitando as ramagens sobre o abaciar da vidraça, com a alma em acontecimentos de invernos, me pus ao desafio de falar deste Crisântemos depois da ausência, do poeta marabaense Airton Souza, fechando em mim sua indescritível dor.

Processo difícil e demorado. Não é fácil descoser os fios/versos habilmente costurados/alinhavados pelas laboriosas mãos, ávidos olhos e vasta alma do poeta Airton Souza. Sua poética é uma manufatura fabricada para resistir às intempéries das horas. Tecidos/poemas por sobre os mobiliários/olhos à espera do desdobrar do tempo e dos homens. No expectar dos remotos retornos. Guardando-se da perda, da poeira, das cortinas e das ausências. Querendo-se Crisântemos em dias de afigurado estio.

É significativa e emblemática a escolha do título. Por certo o autor (penso eu), com o coração vertendo dor, pela ausência dos pais, lhe veio à mente a flor típica do outono. Flor que remete tranquilidade e é tida como mediadora entre a vida e a morte. Flor de dias curtos. De florescer perene. Flor que emoldura o peito de saudade. Portanto, supondo que a saudade tenha a cor de um crisântemo, este livro do poeta Airton Souza nos vem com a cor do desbotar da tinta em um reboco caído ao chão.

Airton de Souza abre o seu *Crisântemos* depois da ausência nos lançando algumas pétalas do seu existir. Mostrando-nos todo o enlutar da tristeza nas mãos do filho pelos pais que se foram. E “*na impossibilidade de arrastar os ossos*” pela não_existência das coisas existentes, que existem e co_existem “*na imprevisibilidade (...) de enterrar parentes*” e em murmúrio nos traz um desdobramento de lembranças, saudades e dor “*por que as estrelas são perduráveis & os pássaros e as mães morrem?*”

A tessitura da poética airtoniana revela, ao leitor, as minudências do não_existir_existindo, sendo os fragmentos de “*uma história insone de santos e metáforas (...) profetizando uma armadura de sermões e orfandades*”, tendo para si “*um horizonte ou a definição de parede fechada*.” Portanto, a rigor seus poemas sugerem reflexões existenciais, costurando-se e se descosturando pelo fio do incommensurável tempo. Que a tudo tece e tudo pede, em uma ambivalência de emoções.

É imprescindível compreender a poética airtoniana neste seu *Crisântemos* depois da ausência pelo enlutar da(s) perda(s), em que a existencialização da saudade, do vazio, da angústia explicita-se dolorosa em seu ser e repercute de forma acintosa aos olhos do leitor, nos convidando a sentir o seu sofrimento em uma experiência de finitude em constante significação de existir. Diz o

poeta: “*a impiedade dos dias caminha para dentro de mim (...) tudo é raso e reza no proceder da carne.*”

R. R. May entende que as nossas escolhas pessoais não acontecem sem angústia, uma vez que cada escolha acolhe em si o risco do vir-a-ser-no-mundo em “*um ofício de despertar manhãs.*” Portanto, em Airton Souza tanto o porque viver quanto o para quê viver são condições intrínseca ao ser_finito, herdadas em angústia, saudade e dor. Em um de seus poemas, o poeta confessa: “*esse jeito de carregar janeiras berdei do pai e sua comoção essa tarefa de abrir tristezas aprendi com a mãe & seu coração de bosque sem chão.*”

Percebe-se em seus poemas uma entornadura filial que não basta em si. Que não cabe no lugar comum das emoções: o coração. O ponto nevrálgico deste Crisântemos depois da saudade é a tentativa de superar o vazio existencial que permeia a alma do poeta “*de peito em riste talvez elucidaremos o abandono,*” entretanto, “*só as flores mostrarão a verdade.*” Desta forma, o poeta lança mão da metáfora e da simbolização da palavra para “*interpretar o arrastar dos dias*” na “*espera da colheita onde não ecoa o mar.*”

Heidegger entende que o poeta traz a sua poesia de forma impronunciada, pois nunca diz tudo o que sabe, nem no poema em si tampouco no conjunto de seus poemas. É o que vemos neste Crisântemos depois da ausência. Há uma movimentação do poeta Airton Souza em dizer o dito pelo não dizer das coisas “é tempo de extrair da liturgia o análogo gesto de alargar vazios abandonados pelos presságios *salmificados no enredo afetivo de deus.*” Seus poemas trazem uma essência velada em representação de existir.

A inquietação airtoniana vem a tona “*sem a vaga promessa de cultivar cristântemos*”. E com o engajamento de um hino outonal antecedendo o inverno contemplo a transitoriedade da chuva, agora em sua pequenez de chuvisco. É impossível (e improvável) não se entranhar aos feitos da saudade em Airton Souza “*o pai,*

fazedor de relicárias retinas tinha, avesso às rezas, um estranho entendimento de longitudes contudo, inventava, como ninguém, utensílios em que homens não sabiam ser ilhas.”

Há quem leia um poema sem se ater as vivências do ser-no-mundo. Eu não. Pois o homem não é um ente, estático, cristalizado, fossilizado. Mas um organismo complexo, múltiplo e ôntico, que, em relação ontológica com os outros entes vai se impregnando *“da linguagem esquecida das sementes (...) como o retrato que acorda a casa & seu umbral de silêncios imaginários”*. É assim que concebo a poética airtoniana neste seu Crisântemos depois da ausência. Um dia *“tingido de cová”*.

Cada poema me vem em uma exaltação de vida e morte. De dor e saudade. Pois *“há sempre um homem pintando a casa na busca de aquietar uma sensação de desalento. Há a mulher e a ressonância oblíqua entrelaçando dispersas lágrimas por ter compreendido tarde demais a palavra: mãe.”* E semelhante ao poeta, *“perante esses pequenos dramas caminho a não entender outrora”*, trazendo *“em cada mão um desalento de como atrasar crisântemos.”*

Um dos elementos que singulariza Airton Souza, neste Crisântemos depois da ausência é a dimensão imagética em intuir em nós, seus leitores, uma farta imaginação. O desvelamento airtoniano de ser-no-mundo em facticidade de existir, ainda que no não_existir, se afigura em se fazer existido pela existência do não_existir do ser-para-a-morte. Quando ele diz *“como pode o morto & seu breve coração infinito absorver a oferta de ressaltar noites cercadas de inúmeras tristezas?”* fala mais de si que dos pais.

A fala de Airton Souza se faz presente em todo o livro. Salta aos olhos em um emaranhado de significados e significâncias. Ainda que não alcance as respostas almejadas, o poeta não deixa de dizer o dito. De se fazer existente pela compreensão do existir. Em intersubjetividade com o seu ato de escrever. Celebrando a

cada poema sua existência de saudade. Pois, entende o poeta que *“o abandono ensina como não esquecer passados”*. Pois *“morrer é descor-tinar a segredaria da solitária verticalidade”*

Para Sartre, a existência precede a essência. Primeiro o ser existe, descobre-se a si, insurge-se ao mundo, para depois finalmente se definir. Portanto, o ser não apenas se concebe enquanto ser, mas como quer que seja em seu conceber de existência. Assim vemos a poética airtoniana neste Crisântemos depois da ausência. A sua essência reside no próprio existir enquanto coisa_ente existente. Re_inventando a cada poema em um *“intransitável coração de mil incógnitas (...) a calcular sílaba após sílaba as vísceras dos barcos de papéis que não profanaram a memória.”*

Airton Souza cultivou os seus Crisântemos, com suas pétalas enlutadas, em um solo inóspito e coberto de dor. A primeira vista não se pensaria em produzir condições a qualquer plantio. Contudo, suas hábeis mãos de lavrador de sonhos, com o coração vazando saudades, realizaram suas fitossanidades de lembranças, permitindo novos cultivos, assegurando a nós, seus ávidos leitores, uma próspera colheita. Ainda que, sob a cama, os pares de chinelos dos seus pais se coloquem em uma germinação de saudade.

OXORONGA, Alufa-Licuta.
Psicólogo e Poeta

algumas pétalas

*estamos nus de afeto
& de deus*

na impossibilidade de arrastar os ossos
os compêndios manipulam a cidade
raramente o ombro se faz verbo

se contradigo recusa
aceito o umbigo desterrado
pois, me ramifiquei na imprevisibilidade
[a seguir aparições]
de enterrar parentes.

se havia uma maneira
de amar o habitual
pergunto a devota interrogação
dentro da indumentária casa
pelos púlpitos a crescerem
no concêntrico nome:
exílio

há dias desdobro esse rosto
retalho de cinza e angústia
sobre o azul desbotado de mistério

estou ainda diante da pergunta:
[amanhecendo na indeterminada verdade]
por que as estrelas são perduráveis
& os pássaros e as mães morrem?

para *São Sebastião* e meus *mortos*

tenho no semblante o incômodo
de quem argumenta inverno

já fui outro resumo
[habituado a tanger ausências]
no indício de paredes benzidas

agora as oxítonas: pai e mãe
impedidos de traçar itinerários
são dormências nas mãos

exclamo sem obrigações
& minha pele revestida de combate
planeja a indivisível palavra-ferida

trago desde a infância
uma história insone
de santos e metáforas nas paredes
tangível ao medo do destino

a anatomia solidão
profetizou uma armadura
de sermões e orfandades

assim, toda caligrafia
é meu jeito de permanecer assombrado
com a hipótese da urgência

nesse instante sou um horizonte
ou a definição de porta fechada.

traço uma tarde na infância
[ela que não morre]
em meus ossos florestas
fala caridosamente dos cemitérios
onde todos estão amanhecidos
com o benzimento
de nunca vencer a solidão

avanço no inventário das linhas
deserto enfim a canção

esse jeito de carregar janelas
herdei do pai e sua comoção

essa tarefa de abrir tristezas
aprendi com a mãe
& seu coração de bosque sem chão.

para a *saudade de ontem*

é possível, diante de uma
primavera de cão
& deus lacrimejando abandono
romper silêncios e esquecimentos
deixados como respostas
pela topografia do morto?

é possível auferir outros caminhos
[com a língua repleta de hipótese]
ou traçar planos
sobre o chegar das coisas?

parece irrevogável o chão
a improvisar invernos tão injustificáveis.

*“Que busca tu órfão
inda da Terra
sentida a era glacial dos teus mortos
as Luas azuis
iluminam já a noite alheia.”*

NELLY SANCHS

aos *órfãos*

a impiedade dos dias
caminha para dentro de mim
& antecede sílabas
[que sem fome devoram]
a sobra da ternura por deus

assim como interrogo os rios
não aprendi consagrar montanhas

tudo é raso e reza
no proceder da carne
impossivelmente vencida.

é cedo, mas ruminam vírgulas
em cada homem & sua história
a proferir o itinerário das verdades
onde indizíveis jardins têm sempre
o rastejar azulejado das flores

dentro da etimologia chão
[um regressar de vertigem às pedras]
reside a porosidade de reconhecer cicatriz
esse é um ofício de desertar manhãs
nos homens, vírgulas e jardins.

flores de todos os tempos

*revestido de procura
& caiados santos enfáticos*

converso com o dia
ante a feição dos ossos sofríveis

tento explicar mapas
detalho menos o sentido
incompreensivo da morte

de soslaio, o afeto
continua a sitiar minha memória

& vou a tentar provisoriamente
navalhar o tempo nunca necessário
pois, a linguagem é precária
para significar que deus é só inconcluso.

*“Não se apagam as realidades destruindo
lhes os símbolos”*

MÁRIO DE CARVALHO

para *Maiakovski, Pablo Neruda* e todos os
homens e mulheres das artes

desperto, mas, habita agora nos olhos
um golpe proverbial

nesse instante passeiam pela brisa
de mãos dadas
homens entreolhando-se como heróis
violam autorizações
abrem feridas quase cerzidas
& mantém muralhas sobre os corpos do acaso

é quase hora de retornar
aos nossos muros
[foi outro dia que trucidaram nossos pais]
onde nenhuma notícia nos deixa esquecer

de peito em riste
talvez elucidaremos o abandono

consumados, os filhos
gritarão palavras contra a cerimônia
da curvatura

sobremaneira, só as flores
mostrarão a verdade.

tento interpretar o arrastar dos dias
fossem manhãs todas as horas
lembraria que sonhava com pássaros
sem refazer presságios na apostólica memória

ao contratempo das últimas lições
carrego notícias na voz decassílaba
[perdida no habitado corpo vazio]
para presenteficar a carne e o abandono

inútil foi enterrar pai e mãe
outro dia antes do inverno
& ficar a espera da colheita
onde não ecoa o mar.

inventaremos inelutáveis janelas
próximo do que sorvem os jardins
[ao tomar parte em cada retrato]
só para permanecer recomeço

antes de dormir
pergunto se o irmão
& seus exequíveis ossos
cantam ternuras
a procurar aonde ir

falo, enquanto penso no seu escutar
que todos os dias
remendo saudades em abismos

que a epiderme entardece
no que expõe minha idade
contudo, nunca deixei de desenhar
nossas sombras, sem tormentos,
pelas imprevisíveis ruas soçobradas.

o corpo em aceno
noticia uma pele repleta de igrejas
& sob ela um som
internando deus
na sua amenidade de lambar lamentos

provavelmente amanhã
à ferida em vinco aberta pelo morto
(ele que avistava metáfora
depois da casa vilipendiada)
deixará de habitar as necessárias noites

porque só deus e suas sentenças
sabem espalhar enterrados nomes
para regressar sem a necessidade
dos crisântemos depois da ausência.

mapeamos signos nas mãos
[a procurar corrigir as congruências]
suspeitas de esclarecer
o topônimo literal: jerusalém

é tempo de extrair da liturgia
o análogo gesto de alargar vazios
abandonados pelos presságios salmificados
no enredo afetivo de deus

contornado na concordância
o mar morto iludivelmente vivo
escritura redimir falsas devoções
que só servem para decorar
a relativa crucificação iconográfica
do soterrado corpo no chão
a desaprender o enternecimento dos dias.

para *Maria Barbosa*, minha mãe, agora em outras
chuvas

sem a vaga promessa
de cultivar crisântemos
é possível recordar todas as noites
a maneira habitual que tinha a mãe
de humanizar-se por inteira?

só ela & seu sentimento de ocupar caridade
guardavam para reconstruir noutra manhã
a impressão de perder resistência

com um gesto
sabia alimentar o último ato
somente com o jeito de sorrir antigamente.

à procura de um mapa no peito
tem o inventar de procissão à infância
& o gesto andaluz da mãe
a caravanejar
no mesmo território:
desertos e mares

ela tentava explicar diariamente
o inventário de como elaborar
a imensidão dos pássaros
refugiando-se ao ouvir o aprofundar das chuvas

era tudo ilusão à vida
ela só queria vertebrar horizontes.

ao ouvir a palavra amapola
o pai subterraneava dentro do coração
um gesto de lembrar minúcias
em acender trajetos para o inverno

sob suas unhas
um topografado campo
[impregnado da linguagem esquecida das sementes]
foi deixado como o retrato que acorda a casa
& seu umbral de silêncios imaginários

o pai, fazedor de relicárias retinas
tinha, avesso às rezas,
um estranho entendimento de longitudes

contudo, inventava, como ninguém,
utensílios em que homens
não sabiam ser ilhas.

para as *mães*, no mundo

o compêndio da mãe & seus pacíficos
abriram fissuras no destino dos pés
para ela atravessar o que orienta
o destroço de um abismo
circundado em seus olhos

sua voz de incenso impõe
[anterior ao deserto]
um pedido:
ancorar um pássaro e sua linguagem
no espaço geográfico dentro do peito.

jardim de outrora

*vestido de hipótese
& companhias irregressíveis*

colhemos jardins, farpas
& algumas pétalas
assinalando possíveis declínios

com a faina alimentada
todos os túmulos
resguardam distâncias
e velam noites em silêncios

os túmulos depois do tumulto
perguntam pelos sentidos das relíquias
[são tatos, nus e adornos]
antes das flores.

não tenho ramagem para o amanhã
contraí espera pela boca
que não desperta risos

também não antecipo instantes
vou até depois das flores
a tanger o canto
[inaudível verdade sem importância]

tingido de cova
lanço o tombo resguardado
na herança de forjados ombros

sou só impassível!

se nos resta ainda alguma coisa
entre elas a mão & o mistério
a lavar os joelhos difusos
a calar os murmúrios oclusos

onde estará, depois da nervura,
o naufrágio que cura
a véspera da loucura?

maquinar o verbo
& a mão para ultrapassar banalidades

atravessar a teoria
a definir coordenadas
de distinguir amplitudes
e o homem vai sacrificando
o conteúdo decorativo de ser humanizado

na semântica
não basta a flor
que rompe o asfalto

pois, as retinas exíguas
exilam-se da mecânica do mundo

outrora cheira agora.

pelo ímpeto da história
& a distensão sombreada dos sacrifícios
ramifico meu olhar nos pequenos dramas

há sempre um homem pintando a casa
na busca de aquietar
uma sensação de desalento

há a mulher e a ressonância oblíqua
entrelaçando dispersas lágrimas
por ter compreendido tarde demais
a palavra: mãe

imersos ainda nos dias infantes
meninos e meninas correm pelas ruas
[sem perguntar se os olhos estão baços]
para enxergar um rio que flui longe dali

perante esses pequenos dramas
caminho a não entender outrora.

em cada mão um desalento
de como atrasar crisântemos

temos ainda para demolir
[à maneira de aprender amar]
a solidão coberta pela a água
dos navegantes que não sabem
porque chegam sempre atrasados
para desamparar ternuras

é só diante de deus
a multidão e seus rastros
deixarão de ser imagens e retratos
& a impertinente lembrança de outrora.

“Ficar calado é que é falar nos mortos...”
JOÃO GUIMARÃES ROSA

como pode o morto
& seu breve coração infinito
absorver a oferta de ressaltar noites
cercadas de inúmeras tristezas?

hoje, era preciso anotar
como as flores anunciam penumbras
tornam-se implorativas
na vocação de espelhos

no entanto, dobrar o que dormita nos arbustos
é tarefa de sentir a finitude
de uma distância que sepulta
o enigma da infância.

da imprevisibilidade do triste amor
tenho incrustado em mim
o que restou ontem
nos homens que chegam tarde da guerra

eles derrotaram cidades
individualizaram, sem aturdimentos,
os mortos & suas remotas cargas
anteriores as semânticas da palavra escombro

desses homens adquirir a impetuosidade
de um único sentimento das coisas:
“o abandono ensina como não esquecer passados”

a caminho do mar
ratificaram o destino dos marinheiros
que só amam a cronologia incerta
dos barcos & o epitáfio das jornadas

isso é outro gesto
[no segredar do pênsil porto nosso]
que não é amor

pois, o caminho da memória
ainda quer renunciar antigas oferendas

por isso acordamos
com um aguado sentimento
bem próximo a compreender a razão:
por que quintais são distantes do mar?

escombros crispados

para *João Guimarães Rosa*

amanhã
costurar palavras
para na pele
ouvir gemer ramalhetes

não dispensado da morte
constata nas paredes
o enredo da memória
enraizados escombros

passeia a acústica voz
[repertório submerso]
de alguns natimortos itinerários

de olhos & distâncias, define:
morrer é descortinar a segredaria
da solitária verticalidade.

aos *mortos* desse e de outros tempos

a língua diluída
beija tua flor cortina

escritura o trágico sudário
[afiada navalha com fome]
a impregnar um nome

o mistério é teu morto calar
fincando raízes
no verbo
& na carne
em outro lugar.

*“a poesia é um agente de descobrimento
e recuperação do humano no homem”*

JAVIER SOLOGUREN

remexer nas cinzas
o estertor de alguns presságios
entre o sangue da manhã acesa

o intransitável coração
de mil incógnitas
depura os amontoados punhos
a calcular sílaba após sílaba
as vísceras dos barcos de papéis
que não profanaram a memória

não basta morrer triunfante
[no levantar do insaciável]
os relógios conduzirão a marcha
o alvoroço vocabular
de não recuperar o humano no homem.

deus e sua cicatriz no olho destro
construíram o estranhável mundo
 & tudo aquilo imperceptível
 na afiançada língua
 ardil de perda e busca

se pudéssemos eleger telhados
 as sombras retiravam
 as imagens mudas
que os espelhos sempre identificam

não fosse o assombro dos dias
 conviviam deus e o demiurgo
 na mesma elipse
 a mastigar antigos sabores.

emanando um rumor desamparado
subjaz as esgarçadas direções

não há como recolher
 a vaga voz dorida
 & esse vozerio a implorar sentido aos céus
 no levante de uma piedade
 endereçada a tua ausência

teus pecúlios gritos
visitaram hoje os guardados
de um olho só

é sempre assim
a inexorabilidade te encoberta em outro lugar.

nomear a cidade nessas pedras
[a voz ecoando tua perda]
& a tarefa de trazer de volta
as túnicas lembranças da mãe
rígida como uma parede
a enfrentar o alvorecer das ruínas

a cidade e a mãe
tão pentecostais na maneira de espreitar manhãs
com suas dimensões de afagar memórias

mas, igual a ninguém
curam aquele gesto de sazonar o desamor.

não há com que curar o alívio
a boca leva a terra
marcas e a incidência das cicatrizes

é como se tua ausência tivesse
perante as mãos e deus
o testemunho e a trajetória
de não escrever as dores mundo

despedaçou já no princípio
o precipício pranto & resignação

maior que teu corpo, o chão
menor que o perecível, o não
do tamanho do silêncio, a solidão.

o que dizer ao morto
a respeito da dramaturgia das flores?
[inventário seminal de confissões]

decerto, não perguntará
pela última elipse
ornada de ombro e canção
para calar horizontes

tão pouco pela cadeira vazia
estendida entre ninar a infância
e o velho prelúdio das mãos
no acontecimento de confidenciar histórias

depois de novembro
o morto apalpará um amor
que nunca poderá ver

em seu coração, quintais insustentáveis
demandam meridianos
auferem ensaio a ocidentalidade
aberta a equação e o desespero do sacrifício

a patonomia do morto
providencia um repertório irreduzível pela verdade

ecumênico, caligrafa a cartografia do signo
& o íntimo de seu mapa são sete
eternos palmos de solidão.

a paisagem encharcada de limo
fala do estranhamento abstrato da casa

às cegas, perguntamos a arquitetura:
o que a lua esboça
ao temor misturado de aceno?

a nitidez que se alastra
na voz amargurada do pai
convém perguntar por deus
& o incólume desamparo das chuvas?

mesmo minúsculo
eu trouxe as chaves
estão revestidas de ferrugem
quietas para o lirismo atemporal dos olhos

é que fora isso
todas as procissões
e as janelas abertas nessa manhã
vestiram vastamente
os acontecimentos de minha infância.

na muda caligrafia enferrujada
comunga o itinerário de deus
escrito nos artefatos da escuridão

impossível ao estar a janela
esquecer o arrastar do morto
o som descarnado da fé
[incógnita feérica para fechar manhãs]
ante a piedade do carrasco
& sua dócil destreza
com a verdade de não atrasar a morte

da janela
tumultuar as flores na pergunta:
como ainda procurar por alguém
que atravessou a geologia
na sintaxe do que não há?

para *Maria Barbosa*, meu amor maior

ponho a casa
em imagem de espera

a ferramenta deus
apontou caminho para a mãe
& a velhice dela
[é um pé na memória]
renascida nos umbrais abertos
no vazio dos dias

queria falar a mãe
que só hoje aprendi ouvir o mar
de quem ela nunca recebeu notícias.

*“aqui, água morta, um
ontem se afoga – totem
empurrando ao precipício
Ali, o há, jorra – falo
urinando para o infinito”*
ANTONIO MOURA

em resumo
o entardecimento da casa
[ainda em ruínas]
propõe no passado vocabular
invocação de rosto à mostra

a casa acrescenta
a sensação de romper semânticas
para sentir a pronúncia sentimental
de reescrever intermináveis calendários

& no sinônimo de derivar
a casa ensina os homens
como ter presságios de interromper o amor.

aos **mortos** de sempre

feito imagem e semelhança da significação
todo morto leva incertezas
& a tarefa de amar o vazio

em profundidade naufraga entre terras
[escuridão de descansar segredos]
sem saber horizontalizar a candura
das mãos no atravessar de fronteiras

com as retinas banhada em nudez
alonga alguns diferentes infinitos
como quem nunca acaba
de cantar a ferida aberta
na garganta sequiosa da escuridão

para todos os mortos fecharam janelas
porque há silêncios demais
a circundar a saída da casa
que eles nunca mais entrarão
para revirar a clandestinidade
de esquecidas palavras.

recolhidos dentro da orquestração
ontem a cicatriz material
[abraçada a insuportável fonêmica do túmulo]
acinzentou os mortos cobertos de germinações

os mesmos mortos
que sabem apanhar chãos
com lições de asas em destroços
têm suas casas imersas
em testemunhadas pronúncias

traz ainda fórmulas
com ossatórias perguntas:
como desabraçar as dóceis ênfases
penduradas na couraça de deus?

é como se todas as manhãs
os mortos menosprezassem escuros quintais
onde estão artefatizados companheiros
& seus pesos dialetais
a arrastar impiedosos caminhos ao mar.

o que fazer para amanhã
a contundência das pedras
& os humanísticos pés de deus
[alicerçados no ofício em desuso]
exemplifique como sarar o amor
erguido sob a capacidade de ser triste?

nesse tempo, quantos homens
sabem escutar janelas abertas?

quantos e tantas rupturas
desistem de tanger pássaros?

e outros, sem compaixões,
comungam com as mãos
nos amontoados nomes sem barbárie?

na garganta do verbo
amanhã, dentro das cidades, nascerão flores
onde nem todos sabem escrever esperanças.

é difícil inaugurar um velho rosto
[pendendo de afetação aberta da memória]
a depor chuvas e diásporas
feitas de muros desertos
quando naufragar fosse encontrar chegadas

percute em nós uma inundação
desenhada em direção às mãos de deus
quando o naufrágio fosse tarde demais
para mostrar como deixamos
a voz hasteada de rio
& a distância entre ser triste na tarde

intumesça meus olhos, pai
tropel vazio de perguntar pelo envelhecimento
sem amaldiçoar o mundo.

não é fácil nomear o mundo
carregar essa vertebrada arquitetura
[sem derramar delicadeza]
na inútil tarefa de consolar túmulos

com a boca suja de ferrugem
& qualquer salmo incompleto entre os dentes
pronto para apedrejar a pronúncia madalena, pergunto:

será que deus e seus desígnios
abraçarão o escuro dentro do homem
depois de semear coisas que morrerão?

cume comovido

aos companheiros mortos no *Massacre de
Eldorado dos Carajás*

mal(dita) seja a cruz
[plantada em platibanda]
no que resta de nós – o nome

a ferida massacre
não é apenas uma data
algumas covas
poucos gritos
rancor & choro

esses pleonasmos sempre voltam
a derrocar as imaginadas janelas e portas
com a antecedência de pisar nossas flores
cultivadas dia após dia
na clandestinidade dos chãos

se nossa voz é calada
as bandeiras falam

porque somos de curvas e “S”
porque a terra assina nossa sina.

a distância é o rumo dos mortos
e levam os rumores
da verdade sobre a terra

se era amor
nenhuma flauta meditarás
os encontrados sopros

pelos gestos soterrados
os olhos afogam cênicos lugares
& os charcos instantes
de irremediáveis comboios

outrora é resquício
[bem como a canção do marinheiro]
que não deflagra as margens
e parte com todas as paisagens
a negar o chão da infância.

há o peso das pontes não derrubadas
a forma de redutos
& navios naufragados
nos arquejos de contracenias
entre velhos amigos lembrados

estavam sempre lá
circunscritos no esparramo da noite

agora
pincelam sombras nas paredes
[as coisas do mundo são sempre ofícios]
e o corpo escancara a fisionomia
de levar as estações ao extremo.

talvez morra só o nome
talvez nem isso
em teu semblante
& os olhos marejando tardes

talvez nem aquilo
que os ossos deixaram intactos
depois da promessa
a sombra de antigos santos enfáticos
no mastigar de afetos

mais que a vida
a morte
no tumulto das flores
comovem o hermético voo sobre os séculos.

é como a velha casa reaberta
[ressonância de habitar abismos]
em quotidiano perdulário de lembradas renúncias

aprofundar a saudade
a maneira de cintilar albergues
na falta vertical em remanescer tua existência
é desesperar a epiderme das coisas ausentes

a casa pertence ao outro lado
hálito abatido
arrasta tua humana figura
entre trapos & vigílias matutinas
para alguns vagos jardins sem definições

materialmente a memória reacende candeeiros
ao silêncio da casa
e outras janelas fechadas
estão impedindo te acordar
para essas tragédias escrituradas
no calendário de agora.

falha a mão perante as ordens
nem o espelho
[conduzido a meninice]
salvará o olhar de sujo rancor

quantas cercas ainda há no caminho
a separar deus, os ídolos
& teu réu retrato de infância?

todos falharam
até mesmo a mãe na sala
ainda longe do quaradouro.

a rua estranha em teu ser
essa figura invencível
enraizada nas pedras

cada vez mais
ao semear tua imagem
[para além da cicatriz de (a) deus]
deixaste a sentença em regresso
a saber que a cicatriz é porão
ou grito de rabiscados horizontes

nessa nota
procura rota

houveram os pés
& a impossibilidade de colher um porto
contudo, o itinerário penitência
colhe a cura em tua ausência.

a essa hora
cada minuto é tua perda

não havia uma propositura da morte
no simular de reconhecer vozes
irreconciliando retratos

na barca da noite
o corpo natimorto
atravessará a ingratidão dos chãos
porque amanhã
são maneiras de não ser feliz.

ignóbil, sairá à rua o semblante
a antecipar teus anos desnecessários
[desembocando o estético no espírito]
para oscilar o enternecer dos tijolos
a interpelar assaz o exílio

um dia o sobrenome previsão
& o depoimento hóspede
acordarão insuportavelmente vertentes
acendendo avessos ecos aos gritos
na certeza que nenhuma guerra
possui a exatidão dos umbrais

para tuas verdades:
o grotesco e a beleza
não argumentarão territórios.

das unhas não dirá talvez
nelas plantaram calçadas
& epidêmicas madrugadas
ressoam outras partes
de cerradas janelas

o envelhecimento não te importa

há incêndios nos dramas
à revelia de traduzir
cada estandarte
na vingança de teu algoz

antigamente, cultivava confissões
para desagonizar silêncios

enterrado
o estopim das flores
ignoram teu corpo entre vermes
raízes
e o crivo do coração cravado de saudade.

dando sombra ao rosto do morto
a tampa do ataúde
colocou entre deus e eu
um hemisfério entristecido

só assim descobri
que jardins envelhecidos
inclinaram sem perguntas
[sobre a ferida gerúndio]
à serventia das rezas

se fosse deus
& o arqueológico argumento
de comover o clérigo e as flores de maio
meditaria um pouco mais diante do grito
deixaria o verbo morrer inconcluso
para sacramentar não só lázaro
e todos teriam seus pentecostes.

para meu pai, *Raimundo Gonçalves*

insone e sem razão irreversível
meu pai conduziu estações a menos

ao dormir a uma triste distância
impossível calcinar acenos
ou outra coisa à maneira de amar
chegar-lhe tão perto

sob seu peito
[a profusão de um solo]
a fome de promessa a pisar o mundo
inflamam a descalça distância

traço tristezas
na folha inútil

com os olhos em imprevisibilidades
assombro o instante e os acontecimentos

meu pai habita a dicotomia
& eu vou lambendo angústia
na distração da tragédia.

para o poeta *Charles Trocate* e seus gestos no
mundo

dos fantasmas que roem
os ossos da tarde
somente um quer navegar
pela solitude dos barcos
porque há ainda a paisagem
a digladiar ramificações
nos corações de poucos homens

afeito a idade do medo
esse mesmo fantasma
ensaia com espanto o que vê:
são os primeiros dias, sem ternura,
no anonimato de deus & suas agruras.

*(Que mais sei eu de Deus que Deus de si
próprio?)*

ALBERTO CAEIRO – FERNANDO PESSOA

dizer o habitar de teu esboço
com uma voz de orientar pântanos
& as madressilvas compondo
um acontecimento do mar em teus olhos
é cerzir a gravura da verdade
neblinada na solidão de deus

foi ele quem teceu o mar
a dizer coisas na tarde
com a linguagem fatigada de colher tristezas
e te refez assim:
uma tecelã de lugares esquecidos com ausências.

recolha a voz depois da porta
[será noite antes da pedra]
pois, é difícil repetir a palavra consolação
com a língua diluída em desamparo

formule outro introito sobre a infância
& a necessidade de repatriar a reza

traz, avesso a trama, o testemunho
e a renitência dos compêndios
expostos ao sentimento do monólogo

dói ser amplo e inofensivo à atmosfera
com um painel intraduzível nos olhos.

o enlevo nos olhos entreabertos de maria
é o painel da mulher que chorou
a inteira cidade
pela nossa morte comum

espelhado profundamente no silêncio dela
tem o ouvir de uma romaria
a chegar no calendário de lugar nenhum

é somente ela quem sabe a lição de restaurar
o vencido menino
que todas as noites esculpe orfandade
no ondulado coração do destino.

nenhuma lição de plasmar o mundo
ancorou nos dentes

a casa na urgência das tardes
dói depois do porão posto na garganta
& a língua em construção se engolfa

de nervura exposta nas gengivas
a boca confunde o menino
exausto de soletrar coisas e vogais
para um peito com impossível linguagem
sem as chaves das metáforas.

deus, por que estou só perante a porta
 & esse terrível nome
 arde-me o vago da infância?

por que é tão difícil atravessar
o anunciado nu de interrogar
 os invisíveis sintagmas
 planejados nas janelas?

eu sei que nenhum deus
 é uma ilha
 mas, te pergunto:
posso soletrar a palavra mar
com um rio dentro dos ossos?

último jardim desflorado

prefere teus ombros carregando signos
que não durarão toda vida

os ombros a inventar repulsa
voltam a indagar os homens
sobre o assombro do amor

mesmo no desprezo ou na idade
desistem do riso
& flanam afiançada língua
a lambar um roseiral cultivado
nas misérias humanas.

impossível ver tuas mãos segurando flores
bem que daria uma paisagem
livre da casa
& tua condição de estrangeiro

a contradizer, lembrou ontem
uma antonieta vazia de horóscopos
a segurar como bagagem um ramo de dalias

os olhos vazios
eram os únicos gestos
para amedrontar os pés enrodilhados de passados
que trouxeram a figura de teu sentido

mas, a rua não ofertou o rumo
só ramos
rumores
e lágrimas a descerrarem
as relíquias que os mortos levam como lustres.

*“só aos mortos sabemos ensinar as
verdadeiras regras da vida”*

FERNANDO PESSOA

o amanhã
ramificou silêncio na tua fala

teus pés atados partilham vigílias
[retesam o cansaço]
põem teu nome vertigem
na última cena
de um cortejo de saudade

descerrem as cortinas:
“tudo está consumado!”

cultivará a solidão de aterro
sem ocupar a dialética das flores

destinaram outras paisagens
em teu sentimento urbano

não haverá remédio ao envelhecimento
dessa objetificada ausência
[meio ao tombo da rua]
& o anoitecimento de teu corpo

houveram inúmeros olhos a te espreitar
entre a fúria e a compaixão

é quase isso:
nem todas as sinfonias
acenarão uma noite.

mesmo essa alameda
& o caminho vago dela
não aliviará o peso
ao que não sabemos de nós
[e o inútil brinde negado a solidão]
é um eco oco da memória
a riscar esboço do jardim
plantado em teu túmulo
moldurando teu não retorno.

a idade não arde
ruge o ranger de tua solitária sonata

o alvo era alcançar o alpendre
atravessar o hiato, a haste e o rastro
& aportar útil com flores e outrora

ainda que exausto
não gritar à mãe
o clamor de um abrigo perdoado

ítaca e pasárgada não beijaram tua boca
só aquela rua garatujou a sina
do caos
da cruz
e um cais vazio cravado nesse peito
posto na pintura de um porto.

é díspar o instante
& nenhum contorno metafísico
de tua carnadura emparedada
orquideará as parábolas
filamentadas nas retinas desse deus
que avista a cruz e o escárnio
em outros infinitos revoltados

navalhando as mãos, grita:
por que me abandonaste, mãe?

revestir o que pôde vencer a aparência
& atravessar a desenraizada tradução
do rosto que não mirou
o último pensamento

teu corpo sobre o chão
imóvel
alargou cada pedaço em quilômetros
abandonou os anos encarcerando o grito
e o desencanto da casa
que outras manhãs suportou nos ombros

importava olhar uma vez ainda
nas retinas da mãe?

apalpar a abordagem do cerne
legada nas mãos do pai?

amplia teus interditos
no tema traz o aprofundar das tramas
pois, não há frestas no ataúde
a inquietar o período de interpretações.

registrar a dissipação da perda
morrer é mover-se por entre o léxico:
silêncio
é abastecer o transmudar inconfessável
da legenda que alimenta a contingência:
ausência

[maldita a obscuridade do quarto]
menor que o espólio morte
é consentir a palavra:
consolação

alusivo a compaixão, pergunta-te:
de mãos dadas ao acaso
e a profundidade da imensidão,
para aonde vai o morto?

ao abranger mediações
o que vai dentro de nós
com o sentimento imigrando em surdina?

maria mostra um depoimento sem sentido
[autópsia triste de alimentar memórias]
de quando a casa estiver esquecida
ela, vago vocábulo a vagar
vertiginosamente adivinhava testemunhas

expatriada a síntese do espaço,
migra na delicadeza
uma geometria do desespero?

para além da razão extrínseca
maria nunca cultivou flores
veio de ítica à pasárgada
repetindo à sua solidão:
“todo rosto tem uma fronteira infinita.”

sob o menosprezado silêncio do morto
há a ideia de arrastar os salmos
na ambivalência da mão esquerda
da mãe

jerusalém é um corpo em falta
erguida diariamente nos gritos
compostos de oratório
& a episteme dos dentes

enquanto junto destroços
[herdados no parco espanto dos dias]
pergunto pela delicadeza de deus

no meio da escuridão
nenhuma ensaiada resposta
aponta para seu lado carrasco

tudo são artefatos sumários
testemunhos ossatórios de dor e ferrugem.

para não consumir os últimos rastros
[abandonados pelo que nos faz ausências]
fora da casa
outras cartografias possíveis
afligem desde cedo a ferida

dentro da casa
meu irmão se faz impossível à beleza
a murmurar sobre as remissões
das paisagens intangíveis:
“só a mãe sabia recitar a ideia de deus”

isso equivale a reconstruir manhãs
na busca de saber
o que é o drama
& o que foi a delicadeza.

rota é a paisagem litorânea
de tua manuscrita imagem bruta
esboçada na fome de espelhos
antes de entender presságios
& telúricos hábitos habitados

roto é o distante navegar ao som da pedra
[desde o silêncio a matéria cidade]
porque é difícil calcinar nos trópicos
homens e a raiz de traduzir
o suporte íntimo da perda
à beira da estrada.

*Tudo está em mim e é intransponível.
Não há signo, não há deus que me
comunique por inteiro*
José Inácio Vieira de Melo

uma diocese inteira conjuga
o sentido de comunhão e desamparo
sua serventia genealógica datilografa
mecanicamente a ideia de crucificar respostas

aberta ao sentido de tatear confissão
& a brevidade ao concêntrico amor
[indiferente à árdua tarefa de morrer]
todos os dias um homem grita:
por que me desamparaste?
e é retirado de sua cruz
com a exatidão sobre a verdade
das madrugadas sem sutilezas.

elaborar monumentais coisas extintas
[continua inquebrantável a possibilidade
de poder jardinar a palavra amor]
dentro da consagrada epopeia
de abraçar homens que sempre morrerão

entre nós exala
um azul vertebrado de abril
na paisagem em desordem

talvez a mecânica do cego ofício
de guardar tristezas em homens lúcidos
seja a ideia sonora de consolar pássaros
& nomear as amontoadas ocupações
dos que não esquecem
princípios em precipícios de ocupar os dias.

inclinados a direção de enterrar tragédias
a lâmina temporária de eclesiastes
pronuncia homens debaixo do sol

não há como entristecer entre desertos

enfadonho, no coração da obra,
haverá a voz deixada depois da aflição:
“tudo tem seu tempo”

sem o necessário descanso das mãos
é hora de colher pedras
& arremessá-las no método divino
de trabalhar a abominável beleza.



Para receber nossas novidades envie e-mail para:
contato@giostrieditora.com.br